

CATEGORIA "CONEXÃO ENTRE TEXTO E DESENHO"

1º LUGAR - TRABALHO DE DUPLA - LUCA BUENO SILVARES E MATHEUS ZON MURAD (5º B)
"EMÍLIA NA ARTE CONTEMPORÂNEA"



CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI

Aluno(a): Matheus Zon Murad 5º ano: B
Professor(a): Elaine Lopes Data: 26 / 09 / 12

Espaço para produção do desenho





Aluno(a): Luca Bueno Silveira

5º ano: B

Professor(a): Elaine Lopes

Data: 18 / 9 / 12

Espaço para produção do texto

Emília na arte contemporânea

E aí gente! Vou contar a vocês como foi
minha curta viagem à Itália, lá observei
muitas coisas interessantes, mas o que mais
me chamou atenção foi a arte.

Vi onde me disse que só na Itália há
mais de 1.000 museus magníficos! E isso
tudo porque o sabugo esportallão sempre
pesquisa tudo sobre o lugar antes de visitá-lo.
Vocês sabiam que a arte barroca na Itália
evoluiu através do maneirismo? Esta
evolução foi graças ao Concílio de Trento, que
reclamava da arte capaz de suscitar a piedade
através da austeridade.

No primeiro museu em que fomos, o quadro



mais mirabolante que vimos: foi a velocidade abstrata, o Carro Passou? de Giacomo Balla (1871-1958), achei que parecia carros de tamarugas com água batendo, mas o estranho é que não tinha carro nenhum e a imagem parecia ser um vidro quebrado com tinta jogada, mas o salvage me disse que essa arte é apreciada pelos turistas, fazer o quê? Há gosto pra tudo!

No segundo museu havia outro quadro bem supimpa: O Funeral de Enriqueta de Galli, de Carlo Carrá (1891-1966), que parecia pessoas dançando na igreja, por causa do do teto colorido igual a da igreja, então o salvage me explicou a mesma coisa, mas nuni da pra intender né?!

Cliquei salvage e they começaram a me falar sobre os perfitos artistas italianos: Leonardo da Vinci que fez a Mona Lisa, Michelangelo que esculpiu Davi, o tal do Bachimboldi,



que certa vez pintou pessoas formadas de frutas. Me
contou também sobre os mosaicos de Cuzcuz, que
as pessoas mentaram um a um para formar
esta linda arte, mas para mim um gigante foi lá
e roçou o chão que estava cheio de tinta e deu aquilo.

Quando andei numa praça vi exposta ao
público a escultura da "Esfera Grande" que
parecia uma bola de gude imensa, mas o biscoito
de mel disse que a obra era assim mesmo
mas eu, Emilheresky, ainda não entendo a
rachadura que vi nela.

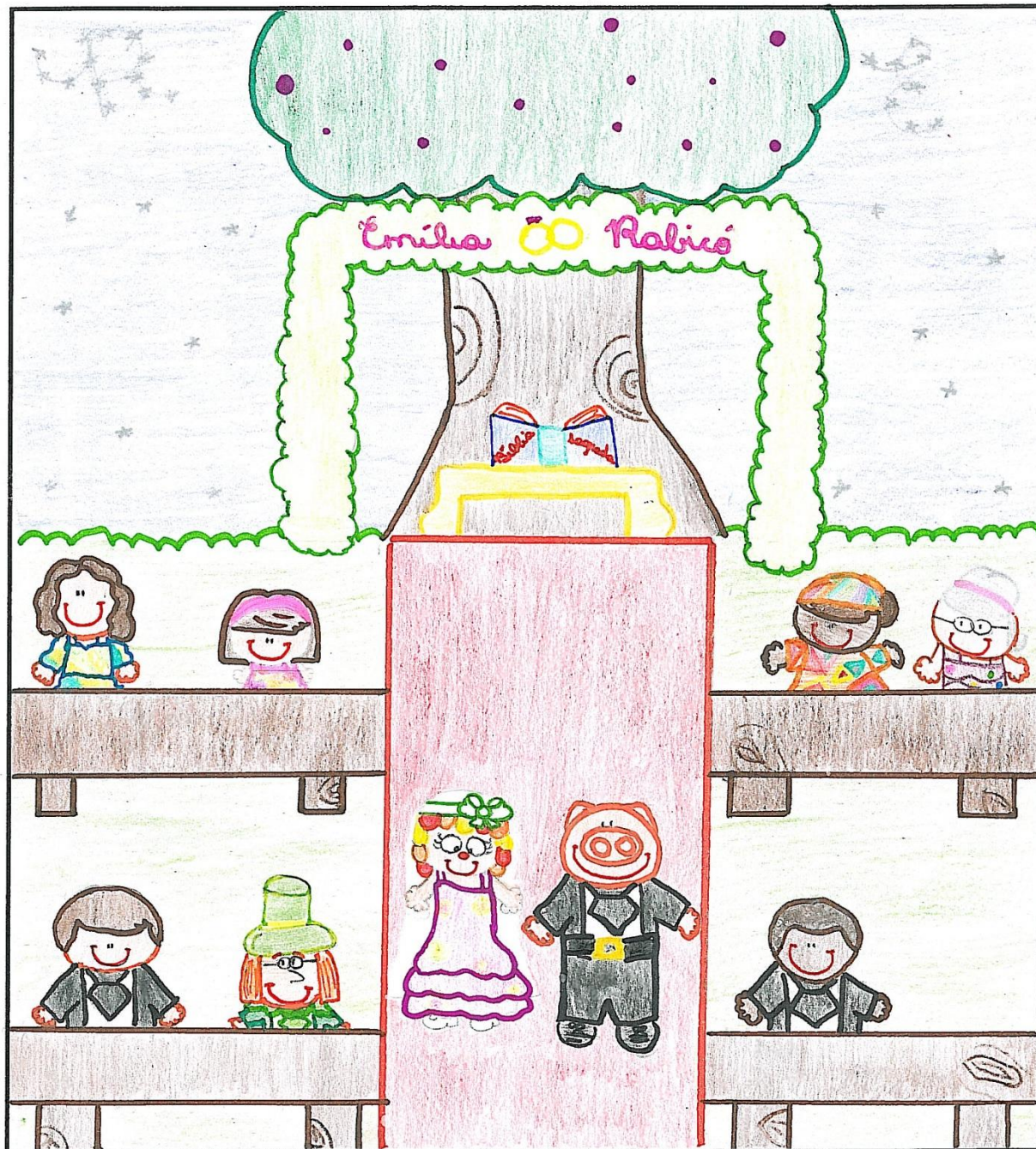
Nossa! Essa viagem foi a mais "show
de bola" que tive! Grande muito com o biscoito
além disso vivenciei momentos emocionantes
ao ver os ótimos quadros italianos com muito histó-
ria. Gostei muito de contar minha para você!!!
Então lhe vejo na próxima história! Até lá!!!



CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI

Aluno(a): Maria Clara Leal 5º ano: 2,
Professor(a): Edinalda Data: 25 / 09 / 2012

Espaço para produção do desenho





Aluno(a): Ana Almeida Barros 5º ano: I1
Professor(a): Edinalda L. da Silva Data: / / 2012

Espaço para produção do texto

Lá estava eu, sentada na varanda do sótão ansiosa para o meu casamento com o Marquês de Rabicó. Já estava tudo pronto, só faltava o meu vestido de noiva e o maldito terno de noivo. Chique de doer que sou, precisava de um vestido mais moderno diferente daqueles remendos de Tia Nastácia. Também pensei em ir à cidade com Pedrinho para comprar o terno de Rabicó, mas acabei desistindo, pois seria muito difícil achar um terno que coubesse naquele porcalhão. Depois de um tempinho pensando, tive uma brilhante ideia: usar o pó de pirlimpimpim! Chamei Narizinho, que me disse que tinha lido em uma revista de Dona Benta sobre um estilista superfamoso da Itália, Emilio Pucci. Não deu outra e nos transportamos rapidamente para o cenário mundial da moda.

Chegando lá, fomos rapidamente procurar dicas de moda em revistas de uma banca e direto buscar uma roupa



para o Marquês, que tinha que ser quase do tamanho de uma baleia para que coubesse nele. Enfim encomendamos um terno tamanho G G G G G na loja "Emmenegildo Zegna", uma das marcas mais chiques de moda masculina da Itália e aproveitamos a oportunidade para comprar também para Pedrinho, Tio Barnabé e Visconde.

Finalmente tinha me livrado daquele bendito terno, mas faltava o meu vestido. Eu e Narizinho alugamos uma respa, aquela motinha comum na Itália, e fomos em direção ao ateliê do Emilio Pucci, de acordo com o endereço indicado na resenta. Sem saber quem era, perguntei a uma moça onde estava o Emilio e então ela me disse que ele estava morto. Ela era a filha dele. Ah! fiquei com uma raiva daquela Narizinho, que me fez passar pelo maior mico de todos. O espaço era todo espelhado, cadeiras e mesas de luxo e muitas roupas maravilhosas e diversificadamente coloridas. Era tudo fantástico! Estava curiosa para saber o motivo de estar vazia com tantas cores e resolvi perguntar para aquela metida de nariz arrebitado da Narizinho. Pelo menos aquela



menina correr para alguma coisa pois me explicou que es-
se tal de Emilio Pucci não tem um porquê exato para criar
esses tecidos, mas, é que ele tem um estilo próprio e único.
Esse "Príncipe das Estampas" também era um esportista
afiado, que nadou, esquiou, jogou tênis. Suas primeiras nou-
pas foram para uma equipe de ski, depois de ter ganhado uma
bolina para o esporte. Daí ele foi aperfeiçoando essa técnica de
roupas esportistas, depois produziu uma linha de moda praia e
assim foi conquistando seu sucesso até chegar como está hoje
em dia. Bom, vou parar de contar essas histórias de vida e
carreira e vamos ao que interessava realmente na Itália, o meu
vestido de noiva. Eu e Narizinho conversamos com Laudomira
Pucci, a filha do Emilio Pucci, que rapidamente nos providenciou
vários vestidos de festa e eu, claro, fui a primeira a enco-
lher. Peguei um longo e escuro com estrelinhas e algumas ba-
bados, não era aquele vestido longo e branco comunzinho de
todas as mulheres que casam, pois a noiva era a futura espo-
sa do MARQUÊS de Palico, então esta roupa tinha que ser uni-
ca e fabulosa. O vestido de Narizinho era bonito, ou melhor, bonito



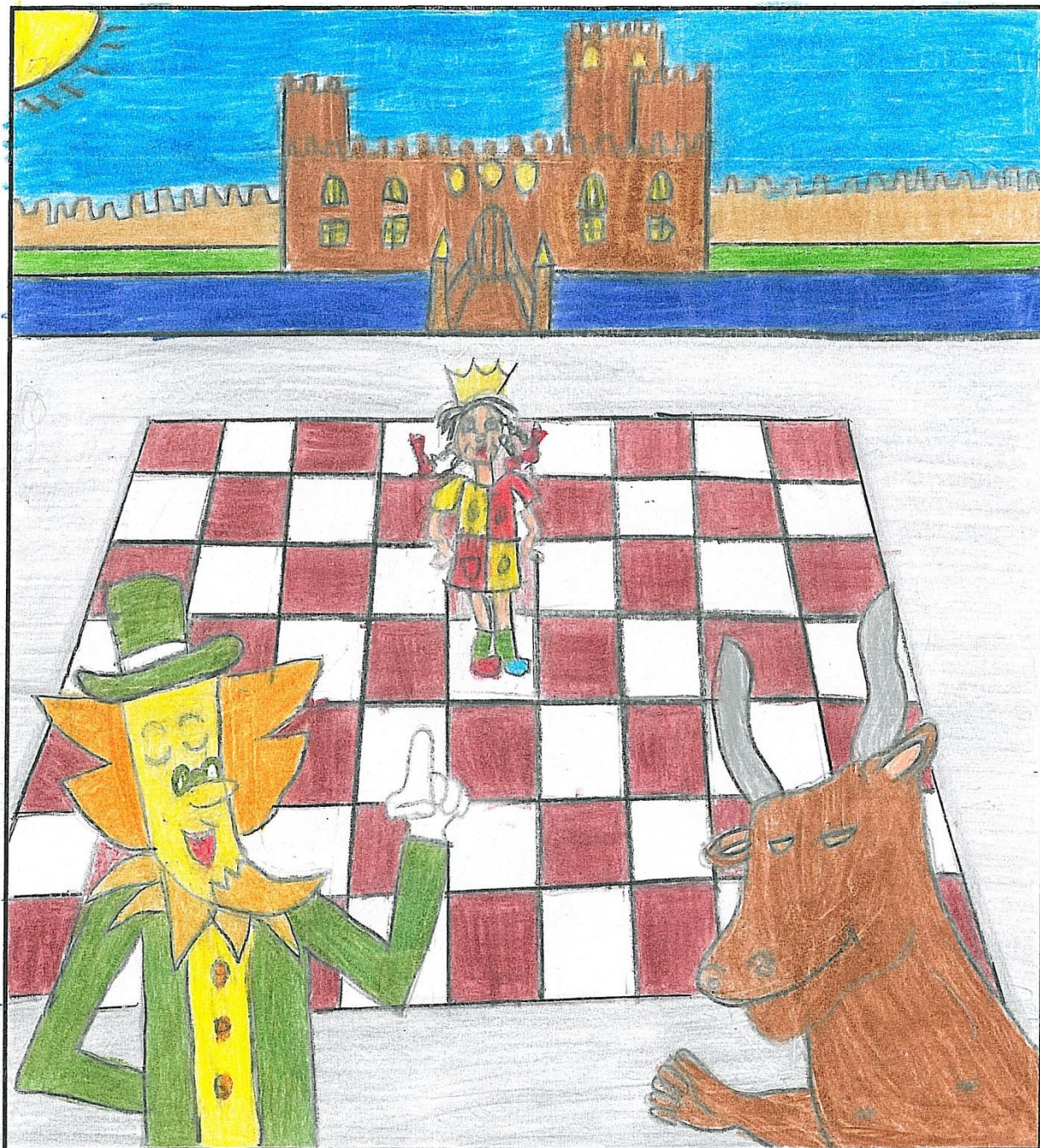
nhos mas nem chegava aos pés do meu. Todas as roupas daquele espaço eram fantásticas e encantadoras, tão encantadoras que fiquei empolgada demais e comprei roupa para toda a turma do Sítio. Enfim, como tínhamos realizado a nossa tarefa naquela fabulosa viagem, pegamos o pó de perlimpimpim e nos transportamos para o Sítio. Oh! que delícia foi estar no meu tão amado sítio outra vez depois de horas nesta viagem super cansativa, em que meus pezinhos já estavam doloridos. Foi deu tempo de entregar os presentes e contar o resuminho do emocionante passeio para todos e fui direto colocar meu vestido. Quando o padre chegou, já estava todo mundo lindo com as roupas novas. Na hora da cerimônia, vi que Laudomira estava lá, ao lado de Narizinho. Tio Barnabé, Tia Nastácia, Dona Benta, Visconde e Pedrinho também estavam presentes. Após a festa, todos foram dormir. No dia seguinte, levamos a Rucci ao aeroporto. Ela adorou a visita ao Sítio e disse também que iria voltar sempre que pudesse.



CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI

Aluno(a): Arthur Gomes Chieppe 5º ano: 2
Professor(a): Elaine Lopes Data: 18 / 09 / 2012

Espaço para produção do desenho





Aluno(a): Arthur Gomes Dias 5º ano: 12
Professor(a): Claine Lopes Data: 10 / 10 / 2012

Espaço para produção do texto

Visconde na Era Medieval

Ainda bem que estou de volta ao Sítio! Criei
que a viagem não iria acabar nunca! Sempre gostei es-
tudar sobre a Idade Média e sempre quis visitar os
Borgos Medievais com seus belíssimos castelos e muralhas.
Há pouco tempo o meu sonho foi realizado!

Nesta viagem, fui para um pequeno Borgo Medieval
chamado Monótilio, junto com a dona Emília. Ela inventou
muito para ir comigo, porque queria conhecer um
grande artista de Florença chamado Michelangelo, que é
famoso, dentre outras obras, pela escultura da Virgem
da Pietà. A Leonora, muito convencida, queria encomen-
dar a ele uma escultura dela mesma e ainda fazer uma
praza no Sítio em sua própria homenagem, para colocar as
obras. Você pode acreditar nisso? Não a Emília mesmo! Como



chegamos lá, mas só de pirlimpimpim. Quando chegamos, a pri-
meira coisa que fizemos foi observar como era a arquitetura
das construções nos templos medievais. Percebemos que eram
feitas de bloco de pedras e davam a impressão de serem muito antigas.
Naquela época, havia uma grande preocupação com a regu-
laridade na construção.

Neste ^{lugar} pequeno, havia um grande e bonito castelo de
pedras. Visitamos esse castelo e logo depois fizemos
uma caminhada até o topo da colina de São Bento. Emília
reclamava toda hora que estava cansada e perguntava se fal-
tava muito para chegar ao destino, mas no meio de toda
aquela reclamação, tivemos a sorte de realizar o tão desejado
encontro com Michelangelo. Emília ficou maravilhada e co-
meçou a falar sobre todos os detalhes que ela queria na
escultura: nariz arrebitado aqui, olhos amendoados ali, cabe-
los trançados assim e... Michelangelo ficou até maravilhado
com tanta informação ao mesmo tempo e teve que anotar
tudo para garantir que não iria esquecer de nenhum detalhe.
Ele gostou tanto da Emília com suas ideias que resolveu nos



acompanhar até a casa do colono. Quando chegaram lá em uma favela
surpreendidos com uma belíssima vista do Bayo inteiro.
Depois de colhermos cerejas e comprarmos alguns pro-
dutores locais, esperamos Michelângelo terminar a escultura da
Emília para podermos voltar ao Jito. Com a escultura pronta,
Emília pegou o pó de pirlimpimpim, porém o Minotau-
ro apareceu e o roubou no exato momento em que iríamos
fazer novo oisgem no tempo. Ele disse que só descheris
o pó se o desstivermos na partida de Tadez Humos.
Como fossemos derrotados, ficamos presos no es medient
para sempre. Eu e Emília nos olhamos assustados, não en-
tender do que retratava esse Tadez Humos. Então lemb que
estávamos com Michelângelo, pois ele nos explicou que esse
jogo era uma tradição do Minotau. Esse tradição tinha
início no ano de 1459, quando dois nobres guerreiros se apa-
saram pelo nome mulher e decidiram disputá-la num due-
lo sangrento. Porém, o pai da moça propôs aos dois guerreiros
que se enfrentassem em uma partida de xadrez, na qual o vencedor
se casaria com ela. Desde então, o Tadez Humos é reo



lizado anualmente no castelo, com perna e cavalo de en-
dade.

Emília não sabia jogar xadrez, na época da explicação
de todas as regras por Michelangelo fez questão de ser a
ainda. Como não quis desistir com ela, aceitei o desafio.

Quando o jogo iniciou, fiz o primeiro jogado, mas na vez
do Minotaurus, como sempre Emília teve a grande ideia de
ficar fazendo pulinhos para distraí-lo. E foi com esse
método que conseguimos derrotar o Minotaurus e vencer
o jogo para podermos voltar ao ditto.

Logo após vencer a partida de xadrez, e pegando
de volta o pé de pirlimpimpim, na despedida do novo
grande amigo Michelangelo e pegamos a escultura da
Emília para voltarmos ao ditto.

Quando chegamos lá, a Emília logo proporcionou a
praza com sua escultura feita por Michelangelo. O ditto
nao estava triste, pois todos queriam ver a escultura
feita pelo grande escultor.